

CONTOS MACHADIANOS: RADIOGRAFIAS PSICOSSOCIAIS

Ana Maria Vieira Silva*

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar no conto de Machado de Assis, “Almas agradecidas”, duas metáforas – a *máscara* e a *fenda* –, as quais correspondem, respectivamente, à hipocrisia e à ascensão social, recursos considerados imprescindíveis nas convenções sociais não só contemporâneas a Machado de Assis, quanto em toda a história da civilização humana, e aqui mostradas pelo autor através da ironia que é a principal marca estilística da singular obra machadiana.

Ao se tomar conhecimento da fortuna crítica de Machado de Assis, uma pergunta, inevitavelmente, vem à baila: afinal, o que ainda não foi dito sobre esse autor e sua obra? A resposta, com certeza, aponta para a evidência de que afortunados são os que ainda conseguem a proeza de descobrir algo que seja completamente inédito na tão vasculhada e esquadrihada obra machadiana. Desse privilégio gozam poucos, quase sempre aqueles que têm todo um trabalho de uma vida inteira voltado para esse intento. A temática, razão do presente estudo, não se enquadra nesse perfil, já fora abordada anteriormente por alguns críticos, dentre os quais destaco Lúcia Miguel Pereira (Pereira, 1988, p. 155-177) e Alfredo Bosi (Bosi, 1999, p. 73-126). Trata-se da hipocrisia predominante na sociedade contemporânea a Machado de Assis e refletida na ação de seus personagens. Machado soube registrar com a maestria de um analista psicossocial, as relações comportamentais dos indivíduos na sociedade contemporânea à sua época, transformando-os em personagens fictícios de seus contos e romances.

A hipocrisia de que trataremos diz respeito àquela manifestada nas personagens machadianas interesseiras e calculistas, cujo comportamento é justificado pelo desejo de ascensão socioeconômica, visto pertencerem às classes menos privilegiadas. A esse respeito Bosi diz que “obviamente, a situação matriz é sempre o dese-

* Mestranda em Estudos Literários da FALE – Universidade Federal de Minas Gerais.

quilíbrio social, o desnível de classe ou de estrato, que só o patrimônio ou o matrimônio poderá compensar”. (Bosi, 1999, p. 76)

No ensaio **A máscara e a fenda**, Bosi expõe determinados tipos de personagens ambíguas do conto e do romance machadiano, caracterizados como amorais e, ao mesmo tempo, dignos de consideração. Assim, esses personagens são repudiados por sua falta de escrúpulos, mas admirados como modelos de esperteza.

Cumprir lembrar a evolução desses personagens dentro da obra machadiana: eles evoluem à medida que o autor também evolui enquanto ficcionista. Nos **Contos fluminenses** (1870), conforme observa Bosi, a mentira, ou melhor, a máscara, é desvendada e punida, ou é revelada como suspeita falsa. A explicação dada pelo ensaísta para esse fato é de que, a rigor, Machado nunca ter sido um romântico, e que tem na sabedoria das fábulas da fábula um de seus estilos preferidos, por sempre apresentar romanticamente em seu epílogo “uma lição a tirar”. (Bosi, 1999, p. 79)

Se o que foi visto acima se verifica nas primeiras obras do autor, o mesmo não vai acontecer nas obras seguintes. A partir das **Histórias da meia-noite** (1873), Machado de Assis passa a ver a mentira com outros olhos, vê-a agora com olhar realista, retratando como esta se manifesta na sociedade, onde nem sempre é punida.

Como forma de aplicar a teoria da *máscara* e da *fenda*, analisaremos o conto “Almas Agradecidas”, a qual terá como objetivo principal pôr às claras um de seus principais personagens – O Magalhães –, o qual vai utilizar-se da *máscara* e da *fenda* de que Alfredo Bosi trata em seu ensaio.

A *máscara*, na opinião de Bosi, como já foi revelado anteriormente, é usada pela personagem ambiciosa, predeterminada a alçar vôo a horizontes que a levem a atingir um *status* superior ao seu. Daí a necessidade da personagem usar uma outra face, falsa, que não é sua, com o intuito de obter a aceitação e a confiança das pessoas que pertencem ao mundo por ela sonhado. Por isso tal personagem vai agir com sutileza, indo aos poucos conhecendo o terreno, ganhando confiança, para, no derradeiro e oportuno momento, dar o bote final.

“Almas agradecidas” contam a história do reencontro de dois amigos de infância, que, depois de muitos anos de ausência, voltam a ser íntimos como no tempo em que estudavam no mesmo colégio. Trata-se de Magalhães e de Oliveira. O reencontro dá-se quando os dois, após terem assistido a uma peça teatral, acham-se em frente a um ginásio, sob uma violenta chuva. Apenas o segundo portava guarda-chuva e, por cortesia, oferece abrigo ao primeiro, para que dali saíssem em busca de condução. A princípio, Magalhães recusa; mas, após insistência do outro, acaba aceitando. Isso foi o suficiente para que se retomassem os laços da antiga amizade. É durante esse encontro que, sem ainda ter reconhecido em Oliveira o amigo de infância, vai-se perceber em Magalhães, de acordo com as observações do contista, o olhar calculista, interesseiro, pois antes de aceitar o convite de Oliveira, que até então lhe era desconhecido, observa-o com olhos de analista da *condição social* (aparência física).

Em seguida, dá-se o reconhecimento entre os dois. Oliveira é quem primeiro descobre em Magalhães o amigo de infância. Durante as revelações ocorridas nesse primeiro encontro, o contista vai nos apresentando pouco a pouco a personalidade de cada um. De Magalhães, como se pôde observar, o autor já deixa transparecer aspectos de seu caráter: é interesseiro, frio e calculista, o oposto de Oliveira.

Nesse primeiro encontro os dois amigos comentam acerca de suas vivências durante os anos em que estiveram separados. Fica-se sabendo, por meio das revelações de ambos, que Oliveira tornara-se bacharel em direito, que herdara alguma coisa da avó e que possuía amigos influentes, capazes de ajudá-lo a eleger-se deputado da Assembléia Provincial Fluminense. Ao passo que Magalhães nada herdara, sequer possuía amigos políticos. Atualmente era funcionário do Arsenal de Guerra.

O contista continua a oferecer-nos pistas do caráter de Magalhães, pois durante a primeira visita que este faz ao escritório de Oliveira, menciona o olhar calculista e cobiçador daquele, perceptível em “Magalhães examinou detidamente as cadeiras, as estantes, os quadros de gravuras, os capachos e as escarradeiras. (...) parecia estar avaliando o gosto ou a riqueza de seu ex-colega”. (Assis, 1994, p. 19)

A Oliveira vai acrescentando detalhes que cada vez mais evidenciam suas boas maneiras, simpatia, bondade, cordialidade, enfim, um conjunto de qualidades que vão se opor às de Magalhães. E assim vai tecendo a rede na qual pouco a pouco vai se definindo a personalidade de Magalhães.

Machado deixa claro que Magalhães era astuto, conversador, bom observador, o que facilitava a conquista da simpatia de Oliveira, este que “a sua extrema bondade, reunia uma natural confiança, ainda não diminuída pelos cálculos da vida”. (Assis, 1994, p. 19)

Magalhães, ao tomar conhecimento da boa e ingênua índole do amigo, vai se aproveitando, fazendo-se de vítima; “não contava um amigo debaixo da terra”, foi o que confessou a Oliveira. Este, penalizado coma situação do colega de infância, torna-se esse amigo de que tanto precisava Magalhães. As freqüentes visitas vieram a uni-los ainda mais, tornando-os íntimos e confidentes. Oliveira foi logo apresentando-o a seus amigos influentes, dos quais Magalhães logo conquistou a simpatia.

É por ocasião da demissão de Magalhães do cargo que ocupava no Arsenal de Guerra que Oliveira vai demonstrar a sua verdadeira amizade para com o amigo, encarregando-se de conseguir outro emprego para aquele. Magalhães, ao receber a visita do amigo, faz-se de vítima, como se pode observar no diálogo que trava com Oliveira. É este quem primeiro diz:

- Lá vi hoje, disse ele, a notícia de tua demissão. É uma patifaria sem nome...
- Por quê?
- Ainda o perguntas?
- Sim; por quê? O ministro é senhor dos seus atos e responsável por eles; podia demitir-me e fê-lo.

— *Mas fez mal, disse Oliveira.*

— *Magalhães sorriu tristemente.*

— *Não podia deixar de fazer, disse ele (...) Eu queres? Eu já estou acostumado, não resisto; dia virá em que estes golpes terão um termo. Dia virá em que eu possa vencer a má fortuna de uma vez para sempre. Tenho o remédio nas mãos.* (Assis, 1994, p. 20)

Magalhães tece outra dezena de comentários como esses, chegando até mesmo a insinuar um possível suicídio para dar fim a tamanho sofrimento. Isso impressiona Oliveira, que se acha no dever de amparar o amigo, prometendo-lhe uma “desforra brilhante”, empregando-o antes de quinze dias.

Como havia prometido, Oliveira não poupou esforços para ver o amigo novamente empregado. Emprenhou-se de todas as formas possíveis até que conseguiu a nomeação de Magalhães para um posto muito superior ao que ele havia perdido.

O novo emprego proporcionou a Magalhães uma vida mais abastada. Essa mudança para uma melhor situação causou imensa satisfação em Oliveira, que se sentia responsável pela ascensão social do amigo.

Apesar disso, o caráter torpe de Magalhães vai se delineando e ganhando contornos decisivos. Desta vez, isso é possível de se observar na passagem em que Oliveira revela a Magalhães que está apaixonado. Eis o diálogo:

— (...) *Queres casar, não ?*

— *Oh! Podias pôr em dúvidas?...*

— *Não; é uma pergunta. Não é casamento romântico?*

— *Que queres dizer com isso?*

— *Ela é rica?*

Oliveira franziu a testa.

— *Não te zangues, Oliveira. Eu não sou nenhum espírito rasteiro; também conheço as delicadezas do coração. Nada vale mais do que um amor verdadeiro e desinteressado. Não se me há de censurar; porém que eu procure ver o lado prático das coisas; um coração vale muito; mas um coração de ouro com ouro vale mais.*

— *Cecília é rica.*

— *Pois tanto melhor!* (Assis, 1994, p. 21)

Se até certo ponto da narrativa o autor mostrava apenas indícios da dissimulação de Magalhães, aqui ele deixa claro que se trata de alguém com segundas intenções, voltado sempre para os interesses mesquinhos, como o casamento proveitoso. Vale ressaltar, que para aquela época não era imoral esse tipo de casamento arranjado, era até aceitável, fazia parte das convenções sociais da época. O casamento era visto, em alguns casos, como uma transação comercial, algo de que se tirasse proveito material.

Com relação à *fenda*, outra metáfora machadiana do conto “Almas agradecidas”, Bosi vale-se novamente da interpretação de Lúcia Miguel Pereira para justificar psicossocialmente tal designação metafórica. Segundo essa análise “(...) a socie-

dade levantou um muro entre as classes, mas esse muro tem as suas fendas. É possível, às vezes, passar de um lado para outro, não precisamente pelo trabalho, mas cultivando e explorando as relações naturais”. (Pereira, 1988, p. 155-177)

Assim, a passagem de uma classe social para outra, feita pela personalidade ambiciosa torna-se consciente. A cobiça torna-se a mola propulsora para que os sonhos se transformem em realidade.

A *fenda*, assim como a *máscara*, está presente no personagem Magalhães. Este não medirá esforços para conseguir o *status* ambicionado, sendo capaz de, cinicamente, realizar as mais torpes ações: faz-se amigo, confidente, solícito, enfim, digno de confiança. A *fenda*, ou melhor, a passagem para uma classe social melhor, vê-la Magalhães em Oliveira e em Cecília, a pretendida por Oliveira. Essa passagem começa quando Magalhães vai sutilmente tomando para si os amigos, os bens de Oliveira e, finalmente, se completa quando o vil amigo se apossa daquela que deveria ser desposada por Oliveira.

Por ser tímido, Oliveira havia pedido a Magalhães que falasse do amor que sentia por Cecília. Assim, havia confiado a Magalhães a tarefa de intermediá-lo junto à moça. Isso bastou para que Magalhães aproveitasse a oportunidade e fizesse a corte à jovem, não para o amigo como havia sido combinado, mas para si. Com astúcia e experiência, contrapondo-se à inocência dos dezessete anos de Cecília, Magalhães vai conquistando-a, ao mesmo tempo que, cinicamente, ao falar com Oliveira, dá esperanças de conseguir persuadi-la a gostar do amigo. Magalhães já havia despertado o interesse de Cecília por ele. Disso tinha certeza. No entanto, continuava a iludir o amigo. Nesse ínterim em que Magalhães, descaradamente, vale-se da ingenuidade do amigo, este adoece e vê em Magalhães uma “extrema dedicação”, estando sempre à sua cabeceira nos momentos em que mais precisava. Tudo isso seria nobre se não fosse apenas fachada. No fundo, Magalhães assim agia visando sempre alguma recompensa futura, o que não tardou a manifestar-se, pois logo assim que Oliveira começou a convalescer-se, Magalhães pediu-lhe emprestados duzentos mil réis, “com promessas de os pagar no fim do mês”.

Assim que Oliveira recupera-se completamente, retoma o seu projeto de casamento com Cecília e dispõe-se a visitar o pai da mesma, o comendador Vasconcelos, de quem era amigo. Antes disso, porém, recebe uma carta de Magalhães falando a respeito de Cecília, do “inesperado” amor surgido entre eles (Magalhães e Cecília). Eis, na íntegra, a carta:

Meu querido amigo, dizia Magalhães; desde ontem tenho a cabeça fora de mim. Aconteceu-me a maior desgraça que podia cair sobre nós. Com mágoa e vergonha to anuncio, meu prezadíssimo amigo, a quem tanto devo.

Prepara o teu coração para receber o golpe que já me feriu, e por muito que ele te faça sofrer, não sofrerás mais do que eu já sofri...

Descobri, meu querido amigo, que Cecília (como direi?), que Cecília me ama! Não imaginas como me fulminou esta notícia. Que ela não te amasse, como ambos desejá-

vamos, era já doloroso; mas que se lembrasse de consagrar os seus afetos ao último homem que ousaria opor-se ao seu coração, é uma ironia da fatalidade. Não te contarei meu procedimento; facilmente o adivinharás. Prometi não voltar lá mais.

Queria ir eu mesmo comunicar-te isto; mas não ousou contemplar a tua dor, nem quero dar o espetáculo da minha.

Adeus, Oliveira. Se a fatalidade ainda consentir que nos vejamos (impossível!), até um dia; se não... Adeus! (Assis, 1994, p. 22)

Com a leitura da carta, Oliveira deduziu que Magalhães estava prestes a cometer suicídio (como ato de nobre abnegação). Por isso não pensou duas vezes, sabia que Magalhães estava desesperado e não tinha com quem contar. Como bem disse Machado “a dor do apaixonado [é] superada pela dor do amigo”. Assim, sem demora, corre à casa de Magalhães para impedir que cometesse esse ato de loucura. Percebe-se com isso o quanto era nobre o espírito de Oliveira, ao passo que o de Magalhães era sempre obscuro. Machado vai nos revelar, com boa dose de ironia o teor maniqueísta do conto: o Bem sendo representado por Oliveira e o Mal por Magalhães.

Ao falar sobre uma das mais importantes marcas estilísticas de Machado de Assis – a ironia – Flávio Aguiar, ao prefaciando uma antologia de contos do autor, a conceitua como a “relação de diferentes níveis de conhecimentos, entre personagem-narrador-leitor” (Assis, 1994, p. 5-9). Segundo Aguiar, a ironia consiste, basicamente no fato de que o narrador – e o leitor – sabem mais do que o personagem sobre a situação deste último. E podem, por isso, mesmo que veladamente (no caso do narrador), criticar suas opções e valores. Ressalta ainda, a importância deste recurso estilístico como “uma das vigas mestras da arte de escrever contos”. (Assis, 1994, p. 6)

Em Machado de Assis, a estilização da ironia é fator preponderante na maioria dos contos e romances por ele escritos. A arte e o engenho de Machado está em tornar natural essa ironia, mesmo que ela esteja presente em cada palavra, frase ou parágrafo.

Embora nem sempre se possa extrair um fragmento e dizer “aqui há ironia”, percebe-se que no conjunto ela está sempre presente. É, como diz Aguiar, “uma presença tênue e quase invisível: é mais uma companheira de viagem, silenciosa, discreta” (Assis, 1994, p. 5-9). Em “Almas agradecidas”, por exemplo, permanece a sensação de que o autor está sempre a surpreender-nos, mostrando-nos de forma verossímil as ações praticadas na vida real, tão bem representadas na pele de seus personagens. Na vida real também existem pessoas como o Magalhães, as quais querem sempre levar proveito em tudo o que fazem, que roubam quase tudo o que os amigos têm.

Como já se falou, a presença da ironia é marcante em todo o desenrolar da narrativa, sendo, entretanto, difícil retirá-la do contexto em que se insere sem comprometer o conjunto, por isso tentar-se-á apresentar algumas marcas dessa manifestação no conto ora analisado. A ironia está presente, por exemplo, em

Era Magalhães um rapaz de agudo espírito, boa observação, conversador ameno, um pouco lido em obras fúteis e correntes. Tinha, além disso, o Dom de ser naturalmente insinuante. Com estas prendas juntas não era difícil, era dantes facilímo angariar as boas graças de Oliveira (...) Demais Magalhães tinha sido infeliz; esta circunstância era aos olhos de Oliveira um realce. (Assis, 1994, p. 19)

Observa-se no citado fragmento o quanto Machado é sutil em seus comentários acerca de Magalhães e Oliveira, principalmente quando se refere ao primeiro, como por exemplo, ao utilizar a palavra “prendas” para se referir às aptidões de Magalhães. Prendas, geralmente, são algo de positivo que certas pessoas adquirem. No conto, entretanto, percebe-se uma certa carga semântica pejorativa dada à palavra, visto que essas “prendas” são utilizadas por Magalhães para ludibriar o amigo ingênuo. Além dessa, as palavras “facilímo” e “infeliz” também adquirem um tom sarcástico, de gracejo, por parte do narrador. Percebe-se, assim, que o autor quer passar ao leitor as intenções do personagem espertalhão, embora a vítima (a personagem enganada) permaneça na ingenuidade.

Machado soube muito bem utilizar-se do recurso estilístico da ironia. Em suas mãos certas palavras ganham um novo sentido, ou melhor, a elas é atribuído um caráter irônico. É como se o autor estivesse sempre a procurar palavras adequadas para enunciar ou criticar uma situação que desaprova. Portanto, essas palavras tornam-se porta-voz da crítica mordaz do autor ao comportamento de certas personagens, pois embora digam uma coisa, significam outra bem diferente. É o que se constata em

Magalhães era um homem de bom conselho, dava ao amigo pareceres sensatos, que ele ouvia e aceitava com grande proveito e para maior glória da recíproca amizade. A dedicação de Magalhães ainda se manifestava por outro modo. Não era raro vê-lo desempenhar um papel conciliador, auxiliar uma inocente mentira, ajudar o amigo em todas as dificuldades que o amor depara aos seus alunos. A dedicação de Magalhães também parecerá condescendente aos espíritos severos. Mas a que não se expõe a verdadeira amizade? (Assis, 1994, p. 20)

No fragmento acima comprova-se o que há pouco se havia afirmado: o duplo sentido que certas palavras ou expressões adquirem no contexto. A palavra “dedicação” e as expressões “recíproca amizade” e “verdadeira amizade” soam artificiais, i.e., para o leitor que está acompanhando o desenrolar da narrativa, elas aparecem não no sentido que normalmente lhes é dado. Aqui o leitor conhece o caráter de cada personagem, portanto, causa-lhe estranheza quando o autor enfatiza certas ações benevolentes de determinadas personagens sórdidas. Sabe-se, por exemplo, que não há nem “recíproca amizade” nem “verdadeira amizade”, como enfatiza o autor, posto que esse sentimento não é correspondido, pois enquanto para Oliveira é verdadeiro, para Magalhães é apenas aparente. Do mesmo modo, quando utiliza a palavra

“dedicação”, Machado está ironizando, visto não haver por parte de Magalhães dedicação desinteressada.

Machado não só ironiza o comportamento das personagens principais, mas também estende esse recurso estilístico às personagens secundárias, verdadeiras caricaturas da sociedade. É com ironia que se reporta para a personagem Vasconcelos:

Salvante a barriga, Vasconcelos era ainda um belo velho, uma ruína magnífica. Não tinha paixões políticas: votara alternadamente com os conservadores e os liberais para contentar os amigos que tinha em ambos os partidos. Conciliava as opiniões sem arriscar as amizades. (Assis, 1994, p. 21)

A ironia, embora diluída em todo o conto, às vezes, aparece de forma clara através de palavras, expressões e até de frases inteiras, como se pode constatar no fragmento acima. A palavra “contentar”, a expressão “ruína magnífica” e a frase “conciliava as opiniões sem arriscar as amizades” comprovam essa afirmação.

Por tudo o que se verificou até agora, conclui-se que tanto a *máscara* quanto a *fenda* são importantes instrumentos de que se valem certas personagens machadianas para conseguir transpor as barreiras que as separam do mundo por elas desejado. Para isso utilizam-se de qualquer expediente facilitador.

A linguagem, por ser um fato social, é um dos principais recursos de que lançam mão essas personagens inescrupulosas. A linguagem utilizada pelas personagens machadianas é comedida, dissimulada. É preciso ter cuidado com o que se vai falar, para não causar certos inconvenientes.

Em “Almas agradecidas” percebe-se esse comedimento por parte das personagens. Oliveira, antes de ler o conteúdo da carta de Magalhães, decerto já adivinhava de que se tratava. Isso deixa transparecer que ele conhecia o comportamento do amigo, mas, mesmo assim, em nome da etiqueta, do “bom-tom” a que as pessoas devem se submeter ao viverem em sociedade, sufoca seus sentimentos. Eis o comentário do autor a respeito de Oliveira, diante do impacto causado pela leitura da carta de Magalhães: “Saltaram duas lágrimas dos olhos de Oliveira. Adivinhava mais ou menos o que seria. Cobrou forças e continuou a leitura.”

Pode-se ainda perceber no referido conto a presença da hipocrisia prescrevendo formas de comportamento padronizados nas relações humanas, como no trecho final do conto, quando, após ter lido a carta, Oliveira encontra-se com Magalhães:

— *Bem, disse Oliveira, tu que foste causa indireta da minha desgraça, deves ser o remédio que me há de curar. Sê eternamente meu amigo.*
 — *Magalhães suspirou.*
 — *Eternamente! Disse ele.* (Assis, 1994, p. 22)

É certo que Magalhães nunca foi verdadeiramente amigo de Oliveira, no entanto, continua fingindo sê-lo.

E para concluir esta análise do conto “Almas agradecidas”, valemo-nos do que diz Bosi: “A máscara é portanto uma defesa imprescindível, que vem de longe, de muito longe (...). Se toda civilização é um esforço de defesa contra a madre-madrasta, por que negar ao deserdado social o direito de abrigar-se a sombra do dinheiro e do poder?”. (Bosi, 1999, p. 123)

ABSTRACT

This work aims at analysing, in the story by Machado de Assis, “Almas agradecidas”, two metaphors – *the mask and the split* –, which correspond respectively to hypocrisy and to social rise, considered as indispensable resources in the social conventions not only contemporary to Machado de Assis, but also to the history of human civilization as a whole, and here shown by the author through irony, which is the principal stylistic mark of Machado de Assis’s singular work.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Contos*. São Paulo: Ática, 1994.
- BOSI, Alfredo. Machado de Assis; o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999. p. 73-123: A máscara e a fenda.
- COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis; estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. p. 155-165: Confissões.